



J. Chrys Chrystello*

Escravatura

Os vaqueiros levantam-se noite cerrada. Continuam a acamar-se cansados, dia após dia, semana ou ano de trabalho. Rotinas entrecortadas pelas festas da freguesia. Uma ou outra precisão. Sem queixumes pela má sorte. A mesma que lhes repete destinos ingratos. Resignação amargurada. Lobrigada nas comissuras de peles rugosas, encarquilhadas e sequiosas, sorvendo um copo de mistura ou um abafado. Os campos continuam a ser arados. As vacas mungidas. Chova ou faça sol. Feriado ou fim de semana. A terra e as vacas são elementos únicos mensuráveis da riqueza. Estes vaqueiros só mourejam. Nada mais sabe esta gente além de procriar, como já escrevi algures. Jamais ouviram falar da semana-inglesa. Quase todos andam nas vacas. Ou as têm ou trabalham-nas para terceiros, 24/7/365 (todo o dia, todos os meses, todo o ano). Chova ou faça sol. De tantas em tantas horas estão a mungir as

vacas. A levá-las de um pasto para o outro, que todo o inverno a ilha se mantém verde. Os rendimentos são inferiores aos de Portugal (a que muitos chamam o Continente) mas há subsídios para rações, para produção de mais leite e sabe-se lá que mais que os burocratas de Bruxelas inventaram.

Nas zonas rurais os filhos, que ainda vão abundando, usam a escola nos interregnos da labuta nos campos. Se faltam e não fazem os trabalhos de casa é porque foram às vacas. Não é opção, mas obrigação. Solidariedade familiar. Queiram ou não, cumprem o destino boieiro e a vontade paterna, herdada de séculos, sem sombra de desfortuna. Fatalismo ou destino, nunca se interrogam, apenas o cumprem. Vá-se lá a saber. Os medidores de felicidade são pouco fiáveis. O açoriano vive do imediatismo. Futuro nunca, mas presente sempre à vista, nada arrisca nem

previne. Este açoriano é bem diferente do seu antepassado que no século XIX com menos estudos, sem universidade nem Novas Oportunidades criou a Sociedade da Agricultura Micaelense, quicá o movimento mais importante da história dos Açores.

Hoje em dia, as ilhas transformaram-se em vacaria. Não são senão uma imensa leitaria. O quotidiano açoriano, fora das pequenas urbes, é similar à escravatura de antanho. Cuidar de vacas doutrem a troco dum soldo miserável, sem direito a férias, doenças, feriados é servidão. A gleba cumpre horários sagrados sem calendário, religiosamente acatados por homens e mulheres. Apesar de poucas, também por aí andam. Supõe-se que interrompam as lides aquando da gravidez.

*Presidente da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia



António Toste Parreira*

Valorização dos produtos agrícolas é fundamental para o crescimento da economia regional

“Afirmar, como fizeram os deputados sociais-democratas, que o Governo distribuiu subsídios avulsos, não corresponde à verdade e é uma falta de respeito pelos agricultores da nossa Região. Todos sabemos que o que existe são apoios à perda do rendimento. Sem esses apoios pagaríamos muito mais pelos produtos agrícolas.”

Debater a Produção de Leite e Laticínios nos Açores - Estratégia Pós-2020 obriga-nos a recuar à agricultura que nós tínhamos antes da adesão de Portugal à União Europeia, para percebermos que nós, Região, partimos muito atrás e que o nosso esforço foi enorme. Se assim não fosse, o debate certamente não seria possível. Hoje temos os dados estatísticos que nos permitem comparar aquilo que fizemos - e estamos a fazer -, com o que se passa noutros países da Europa. Foi graças a esse esforço, a essa transformação, que foi possível discutir esses números na Assembleia Legislativa dos Açores, no plenário passado.

Afirmar, como fizeram os deputados sociais-democratas, que o Governo distribuiu subsídios avulsos, não corresponde à verdade e é uma falta de respeito pelos agricultores da nossa Região. Todos sabemos que o que existe são apoios à perda do rendimento. Sem esses apoios pagaríamos muito mais pelos produtos agrícolas.

A Estratégia Pós-2020 resulta do trabalho

efetuado pelo Governo em parceria com as associações de produtores, os próprios produtores, a indústria e as empresas do setor.

Todos reconhecemos e lamentamos que, hoje, o preço do leite pago à produção é baixo. Não foi sempre assim, mas com a abolição do regime das quotas leiteiras - contra a nossa vontade e da inteira responsabilidade da União Europeia - o cenário não é o melhor. Torna-se perigoso para a fileira do leite, ter a Lactogal a absorver cerca de 80% da produção nacional e a grande distribuição a dominar esse mercado, esmagando o preço do leite pago ao produtor.

Agora, compete-nos lutar e fazer tudo o que está ao nosso alcance para inverter essa situação. Já percebemos que quando a procura é superior à oferta os preços sobem, como aconteceu em 2013/2014, em que a média do preço pago à produção nos Açores esteve próxima da média nacional. Temos de ter confiança no futuro. Em 2015 os produtos lácteos transacionados atingiram 336

milhões de euros, aumentando para 385 milhões de euros em 2016.

O futuro da fileira do leite dos Açores passará pela inovação, pela internacionalização dos mercados, pela notoriedade do leite, também por vendermos melhor os nossos produtos, quer no mercado nacional - que já adquire cerca de 75% da nossa produção -, quer em mercados alternativos, que sejam capazes de valorizar os nossos produtos. Convém também lembrar que o setor primário regional representa cerca de 12% do emprego nos Açores e o setor agrícola representa cerca de 9% do PIB Regional.

Concluindo, estávamos muito atrasados em relação à Europa antes da entrada de Portugal na União Europeia. Tivemos de correr muito para acompanhar os outros, mas a nossa evolução é evidente e deve-se ao trabalho realizado pelo Governo, pelos parceiros do setor e pelos produtores.

*Deputado PS, ALRAA